

Banco inglês ainda não foi convidado

VERA RAMOS
Correspondente

Londres — Desde a semana passada o Governo brasileiro começou a expedir convites aos trinta maiores bancos credores privados do Brasil, como forma de iniciar suas negociações sobre a dívida externa, interrompidas desde a moratória do pagamento dos juros há mais de um ano. Mas esses convites não chegaram às mãos de todos os banqueiros. O presidente do Midland, principal credor britânico, sir Kit MacMahon, informou, através de sua assessoria, que não recebera o telex expedido pelas autoridades brasileiras.

Segundo estimativas do próprio banco, até o final do ano passado, a dívida brasileira para com o Midland já apontava para a casa dos 2,06 bilhões de dólares, colocando-o na dianteira do Lloyd's e National Westminster, outros dois bancos ingleses que também espregaram dinheiro para o Brasil. Embora o convite não tenha chegado ainda ao escritório de sir Kit MacMahon, situado no coração da City de Londres, o chairman do Midland assegurou que caso não possa atender ao chamamento das autoridades brasileiras pessoal-

mente, ele mandará à Brasília um de seus representantes seniores.

CAUTELA

Ao passar por Londres no mês de julho passado, a ministra da Economia, Zélia Cardoso de Mello, durante almoço com banqueiros ingleses, realizado na embaixada brasileira, fez sua primeira menção sobre a iniciativa do Brasil de convidar seus credores — um a um — para retomar as conversas sobre o pagamento da dívida externa. A idéia, lançada informalmente pela ministra, não foi bem aceita pelos banqueiros britânicos e nem pelas autoridades do governo Thatcher que tratam de assuntos financeiros. Renegociar a dívida de forma isolada, na opinião dos credores ingleses, poderia caracterizar um rechaço ao comitê assessor de bancos com quem a comunidade financeira da Inglaterra faz questão de manter o melhor relacionamento possível.

O temor dos banqueiros, na realidade, é outro. Aham que o Brasil, ao partir para uma conversa em separado com seus diversos credores, vai tratar de dividir o grupo, oferecendo melhores condições a quem lhes acenar com melhores taxas de

redução da dívida. Embora as regras em vigor no mercado financeiro internacional impeçam que os bancos recebam tratamento diferenciado por parte de seus devedores, mesmo assim os banqueiros ingleses vão insistir numa renegociação conjunta.

Como principal credor do Brasil na Inglaterra, o Midland Bank já começou a negociar alternativas com as autoridades brasileiras, de olho no programa de privatização das estatais que o Governo Collor de Mello pretende deslançar ainda este ano. A proposta é trocar parte da dívida brasileira por investimentos, através da criação de um fundo.

Mas enquanto essas negociações não se concretizam, o interesse maior dos banqueiros ingleses está na missão do Fundo Monetário Internacional, que se encontra no Brasil colhendo detalhes para elaborar seu relatório sobre a situação da economia do País. Prevista para o dia 24 de setembro, em Washington, os credores pretendem participar da reunião do FMI dispostos a ouvir alguma resposta positiva do Brasil de que sairá algum tipo de pagamento aos juros atrasados que já rondam a casa dos oito bilhões de dólares.